

Inserção Internacional da Região Nordeste e a Dinâmica do Comércio Exterior Brasileiro nos Anos Recentes

Maria Cristina Pereira de Melo

- Doutora em Economia pela Universidade de Paris.
- Professora e Pesquisadora do Departamento de Teoria Econômica da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuariais da Universidade Federal do Ceará (UFC).
- Membro do Grupo de Pesquisa Região, Indústria e Competitividade (RIC) da Universidade Federal do Ceará.

Resumo

O trabalho analisa o desempenho do comércio exterior da região Nordeste no que se refere às características e às tendências recentes das transações nos últimos anos (2002-2005), identifica e qualifica as mudanças ocorridas na pauta regional, a fim de estabelecer um quadro comparativo com a dinâmica recente do comércio exterior brasileiro. Desenha um quadro do comércio exterior brasileiro, levando em conta a demanda e a intensidade tecnológica. Faz o mesmo em relação ao Nordeste, porém utiliza também indicadores de concentração das exportações e importações, de comércio intra-setorial, de países de destino, bem como o número de países que concentram 90% do valor total das vendas e das compras da região. Os resultados constatarem que as exportações da região Nordeste do Brasil têm apresentado forte crescimento anual com reversão do saldo negativo da balança comercial. A distribuição setorial das exportações e importações não sofreu mudanças significativas. A pauta reflete concentração em nível setorial e empresarial tanto para as vendas como para as compras. As exportações regionais ainda continuam tendo forte presença de produtos com características de regressão e de decadência na demanda mundial, ainda que tenham apresentado redução neste perfil. A pauta das exportações regionais ainda é fundamentalmente constituída de bens produzidos sob condições de baixa e média-baixa intensidade tecnológica, apesar de ter ocorrido certa melhoria na composição da pauta quanto à intensidade tecnológica.

Palavras-chave:

Comércio Exterior – Brasil; Comércio Exterior – Nordeste; Inserção Internacional – Brasil; Inserção Internacional – Nordeste; Exportação – Brasil; Exportação – Nordeste.

1 – INTRODUÇÃO

Os resultados mais significativos para o comércio exterior brasileiro começam a aparecer no período mais recente, notadamente a partir de 2003, quando se apresenta um ciclo dinâmico de evolução das exportações e são registrados seguidos recordes nos saldos da balança comercial. As exportações brasileiras de manufaturados vêm justificando em grande medida a evolução total das exportações, com destaque para segmentos não-*commodities*. Em 2005, o montante das vendas externas não tem precedente na história do país, além do fato de ter havido crescimento das exportações em setores considerados de alta intensidade tecnológica. Houve, portanto, não só expansão da magnitude das exportações como também certo enobrecimento da pauta. O resultado comercial negativo e crescente das transações externas no segmento de alta tecnologia presente desde 2002 é justificado pela trajetória ascendente das importações, sobretudo, de bens de capital e intermediários.

Nos últimos três anos, a região Nordeste vem exportando montante cada vez mais expressivo. A trajetória das vendas externas tem mantido taxas expressivas de crescimento anual a partir de 2003, o que vai refletir na reversão do sinal do saldo da balança comercial, negativo desde 1995, apesar do expressivo aumento das compras externas.

O comércio externo da região tem-se caracterizado por uma pauta exportadora composta de produtos com forte especialização com relação ao país, situação essa que também se reflete em âmbito estadual relativamente à região. As transações externas regionais revelaram, ao longo dos anos, características de acentuada concentração em todos os níveis: setorial, empresarial e de parceiros. No período pós-abertura comercial, o Nordeste ainda revela forte presença de setores exportadores que são tradicionais na pauta. De um modo geral, essas transações não têm aproveitado oportunidades expressas pela dinâmica do mercado mundial, o que indica espaços importantes a serem ocupados.

O processo de abertura da economia brasileira ao comércio exterior iniciado nos anos 1990 provocou resultados que estão fortemente associados à forma de inserção do país, e de cada região ou Estado em particular, no mercado internacional. A intensidade e a natureza desse processo rebatem de maneira diferenciada nos diversos espaços econômicos e estão diretamente relacionadas com as especificidades dos aparelhos produtivos locais.

Neste contexto, o artigo objetiva analisar o desempenho do comércio exterior da região Nordeste no que se refere às características e as tendências nos últimos anos (2002-2005), identificar e qualificar as prováveis mudanças ocorridas na inserção internacional regional, a fim de estabelecer um quadro comparativo com a dinâmica recente de comércio externo brasileiro.

2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

O período em análise diz respeito, particularmente, aos últimos quatro anos (2002-2005), ou seja, pretende-se captar as possíveis mudanças nas estruturas das pautas exportadoras e importadoras a partir de 2003, ano em que se esboça uma trajetória ascendente das exportações brasileiras com taxas anuais de crescimento significativas, sustentando expansão do saldo da balança comercial.

Inicialmente, desenha-se um breve quadro do comércio exterior brasileiro com o objetivo de examinar a balança comercial através da evolução do saldo, da participação das exportações e importações segundo fator agregado e setores de contas nacionais. Qualificam-se, ainda, os setores exportadores nos anos em análise, tomando por base o conjunto composto pelos principais na pauta. Consideram-se principais os setores cujas participações no valor total da pauta somam 90%. A análise da pauta setorial brasileira também abrange aspectos relativos à dinâmica da demanda mundial e à intensidade tecnológica, a fim de estabelecer nas notas conclusivas quadro comparativo com a região Nordeste¹.

Na seção seguinte, aborda-se o comércio exterior da região Nordeste, seguindo, primeiramente, o caminho traçado quando do exame do caso brasileiro para, em seguida, adicionarem-se alguns instrumentos de análise que permitirão melhor apreender a configuração das compras e vendas externas regionais. Dessa forma, utilizam-se os seguintes indicadores: a) índice de concentração das exportações (ICX) e importações (ICM); b) indicador de comércio intra-setorial (IS); c) número de setores que compõem 90% do valor total das exportações e importações; d) número de empresas que totalizam 50% do valor total das vendas e das compras ao exterior; e) índice de concentração dos países de destino (ICD); f) número de países que totalizam 90% do valor total das vendas e das compras da Região.

¹ Sobre a dinâmica de demanda mundial e intensidade tecnológica, ver aspectos metodológicos referentes à análise regional deste artigo.

O índice de concentração (IC) indica o grau de concentração das exportações por setor. Utiliza-se aqui o coeficiente de Gini-Hirschman, expresso da seguinte forma:

$$IC = 100 \cdot \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_i}{X} \right)^2}$$

Onde X representa o total das exportações da região e X_i o total das exportações do setor i. O mesmo indicador usa-se para as importações. O valor do coeficiente de IC pode assumir grandezas de 0 a 100. IC=0 indica uma distribuição uniforme entre os diferentes setores comercializados. IC=100 corresponde ao grau de concentração mais importante.

Expressão similar apresenta-se para medir a concentração dos parceiros comerciais:

$$ICD = 100 \cdot \sqrt{\sum_p \left(\frac{X_{jp}}{X_j} \right)^2}$$

Onde X_{jp} representa o total das exportações do estado j para o país p e X_j o total das exportações do estado j. Um valor mais próximo de 100 indicaria uma alta concentração em torno de destinos, o que poderia indicar vulnerabilidade em termos de barreiras à entrada de produtos impostas pelos poucos parceiros.

O indicador de comércio intra-setorial (IS) é utilizado para estimar a intensidade das trocas de produtos do mesmo setor. O coeficiente Grubel-Lloyde (1975) pode ser apresentado como se segue:

$$IS = \left\{ 1 - \left[\frac{\sum |X_i - M_i|}{\sum (X_i + M_i)} \right] \right\} 100$$

Onde X_i representa o total das exportações do setor i e M_i o total das importações do setor i.

O indicador intra-setorial (IS) fornece a medida do comércio intra-setorial para o conjunto do setor industrial e não do produto. Esse indicador varia de grandeza de 0 a 100. Um valor próximo de 100 significa comércio intra-setorial o mais elevado. O desenvolvimento e a convergência progressiva dos níveis de renda e da complexidade tecnológica conduzem às trocas intra-setoriais mais acentuadas comparativamente às trocas inter-setoriais. As primeiras estão associadas à crescente

economia de escala e ao grau de diferenciação dos produtos, enquanto as outras se relacionam às fontes tradicionais de vantagens comparativas, ou seja, na dotação de fatores.

Na seqüência, o comércio exterior regional é analisado a partir da dinâmica da demanda mundial dos setores exportadores. Pretende-se, com isso, identificar se as vendas da Região vêm acompanhando o movimento dos mercados mundiais, ou seja, ocupando espaço em segmentos considerados de demanda crescente ou desperdiçando esforço competitivo em setores com demanda decadente.

Para a formulação de políticas públicas com definição de estratégias exportadoras, é fundamental levar em consideração o movimento que caracteriza a demanda mundial, à medida que, em países com características como as do Brasil (ausência de política industrial, baixo estímulo à exportação, baixa taxa de crescimento do produto etc.), o comportamento de suas vendas ao exterior depende diretamente do movimento da demanda mundial por seus produtos (FONTENELE; MELO, 2003).

Para análise da demanda mundial, utiliza-se estudo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (2003) como referência. O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) utiliza dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) e da United Nations Conference on Trade and Development (Unctad) para expor o perfil da demanda mundial a partir do crescimento das exportações mundiais no período 1996-2001. Neste trabalho, cruzam-se dados setoriais do Ministério da Indústria e Comércio/Secretaria de Comércio Exterior com os resultados expostos pelos estudos do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (2003). Os critérios abaixo foram seguidos para classificar os setores exportadores em muito dinâmicos (MD), dinâmicos (D), intermediários (I), em regressão (R) e em decadência (DE). Pela média de crescimento das exportações mundiais no período citado, que foi de 2,5%, as categorias acima foram definidas considerando os seguintes intervalos:

Categorias	Crescimento das Exportações (g_x)
Muito Dinâmicos (MD)	$g_x \geq 5\%$
Dinâmicos (D)	$3\% \leq g_x < 5\%$
Intermediários (I)	$2\% \leq g_x < 3\%$
Em Regressão (R)	$0\% \leq g_x < 2\%$
Em Decadência (DE)	$g_x < 0\%$

Na fase seguinte, a ênfase da análise recai sobre a intensidade tecnológica dos setores que compõem as pautas regionais de vendas/compras ao exterior. A qualificação da pauta de exportação regional pela intensidade tecnológica dos produtos exportados segue aquela desenvolvida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que considera os gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) em proporção à produção e ao valor adicionado de cada grupo setorial. Assim, os produtos são classificados como de baixa, média-baixa, média-alta e alta intensidade tecnológica (OECD, 2004).

Por fim, nas conclusões, procura-se estabelecer um quadro de análise com a finalidade de comparar a evolução recente do comércio exterior regional com o brasileiro, a fim de compreender em que intensidade e natureza a Região acompanhou o desempenho do país nos últimos anos.

A principal base de dados aqui utilizada é a da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio (Secex/MDIC), disponível através do Sistema Alice, que classifica os setores exportadores de 01 a 99 e segue a metodologia da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Para a análise da dinâmica da demanda mundial, foi necessário compatibilizar a classificação setorial da Secex/MDIC com a da *Standard International Trade Classification* (STIC), revisão 3, utilizada pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI).

3 – EVOLUÇÃO RECENTE DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO: UMA BREVE QUALIFICAÇÃO

Nos últimos anos, a economia brasileira vem presenciando ciclo bastante dinâmico de evolução do

comércio exterior. A conjuntura mundial favorável foi decisiva para o desempenho do setor exportador brasileiro, à medida que ocorreu não só aumento do volume de comércio como dos preços internacionais de produtos com participação importante na pauta brasileira. A média brasileira de crescimento das vendas externas esteve acima da média mundial no período 2003-2005, ou seja, as exportações do país ficaram 1,6 maiores que as mundiais. No período considerado, os preços contribuíram de maneira significativa para a expansão das vendas externas, acumularam ganho de 30%, o mesmo que o ritmo mundial. De seu lado, o *quantum* exportado pelo país cresceu 51% (mais do dobro da variação acumulada para o mundo) (RIBEIRO, 2006). Vale lembrar que, em 2005, os preços passaram a ser determinantes para o aumento do montante exportado, à medida que o incremento do *quantum* exportado no último ano (9,3%) ficou abaixo daquele registrado em 2004 (19,2%) (INSTITUTO..., 2006b).

O saldo positivo da balança comercial brasileira tem delineado trajetória ascendente desde 2001. De fato, o saldo aumentou cerca de 90% em 2003 com relação ao ano anterior e 36% e 33% nos anos subsequentes. Em 2005, o saldo atinge o maior resultado jamais registrado. Este fato está associado ao crescimento das vendas ao exterior muito mais que proporcionalmente às compras, que também apresentaram expansão bastante significativa. Em 2003, as exportações cresceram 21% e as importações 2% em relação ao ano anterior. No último ano, as vendas ficaram 23% maiores que as de 2004. As importações vêm crescendo a taxas elevadas desde 2004, quando cresceram 30% e estiveram 17% superiores em 2005 (Tabela 1).

A balança comercial brasileira pode ser analisada através da sua composição segundo fator agregado. Nota-se que a composição da pauta exportadora man-

Tabela 1 – Brasil: Evolução do Saldo da Balança Comercial (2000-2005)

Em US\$ 1000

ANO	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO (A) – (B)
	VALOR (A)	VAR%	VALOR (B)	VAR%	
2000	55.085.595	14,73	55.838.590	13,28	-752.994
2001	58.222.642	5,69	55.572.176	-0,48	2.650.466
2002	60.361.786	3,67	47.240.488	-14,99	13.121.297
2003	73.084.140	21,08	48.259.592	2,16	24.824.547
2004	96.475.220	32,01	62.781.796	30,01	33.693.424
2005	118.308.269	22,63	73.572.828	17,09	44.735.442

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex / MDIC, 2005.

têm-se, a partir de 2003, com o mesmo nível de participação entre produtos básicos e industrializados. No entanto, se observarmos a trajetória dos últimos seis anos, os básicos ganharam espaço em detrimento dos industrializados. Dentro do grupo dos industrializados, os produtos manufaturados retomaram, em 2005, um pouco da parcela que haviam perdido a partir de 2001. Para as importações, os produtos industrializados constituem-se na maior parcela comprada pelo país, sempre acima de 80% da pauta importadora; os manufaturados correspondem a 95% do total desse conjunto nos últimos três anos (Tabela 2).

Pela ótica das contas nacionais, as exportações brasileiras estão concentradas nos bens intermediários (57,64%) e, neste, nos insumos industriais. Em seguida, estão os bens de consumo com cerca de 20%, notadamente os bens de consumo duráveis. Esta configuração

não se alterou nos últimos anos. De seu lado, as importações estão concentradas nos bens intermediários e bens de capital, seguidos de combustíveis e lubrificantes, tendência essa que também se mantém (Tabela 3).

As exportações brasileiras, do ponto de vista setorial, registraram, em 2005, aumento em 80% dos setores que compõem a pauta nacional. Nos últimos quatro anos, os setores exportadores mais representativos conquistaram parcelas ainda maiores no valor total das vendas, tais como: Veículos automóveis, tratores etc., suas partes/acessórios; Reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc., mecânicos; Ferro fundido, ferro e aço; Minérios, escórias e cinzas; Carnes e miudezas, comestíveis; e Combustíveis minerais, óleos minerais etc., ceras minerais. Dos principais setores que registraram recuo nas respectivas participações na pauta do país em 2005, ressaltam-se Sementes e frutos oleaginosos,

Tabela 2 – Brasil: Exportação e Importação Segundo Fator Agregado (Participação) (2000-2005)

ANO	Exportações				Importações			
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)
2000	0,2344	0,7656	0,1586	0,6070	0,1305	0,8695	0,0376	0,8319
2001	0,2716	0,7284	0,1459	0,5825	0,1220	0,8780	0,0341	0,8439
2002	0,2858	0,7142	0,1511	0,5631	0,1447	0,8553	0,0356	0,8197
2003	0,2947	0,7053	0,1523	0,5529	0,1685	0,8315	0,0399	0,7916
2004	0,2956	0,7044	0,1392	0,5499	0,1862	0,8138	0,0449	0,7689
2005	0,2991	0,7009	0,1374	0,5635	0,1745	0,8255	0,0431	0,7824

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex / MDIC, 2005.

Tabela 3 – Brasil: Exportação e Importação Segundo Setores das Contas Nacionais (Em %)

SETORES DE CONTAS NACIONAIS	Exportação			Importação		
	2005	2004	2003	2005	2004	2003
Total do Período	100	100	100	100	100	100
Bens de Capital	15,64	15,52	13,30	29,22	28,00	29,29
Bens de Capital (Exceto Equip. de Transporte uso Industrial)	11,14	10,22	9,24	27,98	27,14	28,45
Equipamentos de Transporte de Uso Industrial	4,50	5,30	4,06	1,24	0,86	0,83
Bens Intermediários	57,64	57,47	58,50	45,26	45,35	45,97
Alimentos e Bebidas Destinados à Indústria	9,28	11,05	11,74	2,04	2,07	3,63
Insumos Industriais	41,14	40,00	39,94	32,37	33,83	32,90
Peças e Acessórios de Equip.de Transporte	7,17	6,37	6,74	10,82	9,44	9,22
Bens Diversos	0,05	0,05	0,08	0,03	0,01	0,22
Bens de Consumo	20,85	20,96	21,38	9,02	8,61	9,54
Bens de Consumo Duráveis	5,51	5,53	5,62	2,02	1,89	2,08
Bens de Consumo Não-duráveis	15,34	15,43	15,76	7,00	6,72	7,45
Combustíveis e Lubrificantes	4,12	4,53	5,13	16,50	18,05	15,20
Demais Operações	1,76	1,53	1,68	16,50	---	---
Não Declarada	---	---	---	---	---	---

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex / MDIC, 2005.

grãos, sementes etc. e Aeronaves e outros aparelhos aéreos etc. e suas partes (Tabela 4).

Dentre os setores com maior expansão das vendas, estão os de Petróleo e Maquinaria-eleto-eletrônica com crescimento acima de 50%; contudo, são setores com baixa representatividade no conjunto das exportações. Neste último setor, há que destacar a indústria de telecomunicações, representada por aparelhos celulares, que aumentou pouco mais de 100% nesse ano. Outros segmentos tiveram taxas superiores a 30% e têm parcela importante na pauta exportadora. São eles: Maquinaria-veículos-rodoviários; Matérias-primas e Agricultura Tropical (INSTITUTO..., 2006b).

Ainda segundo o estudo citado (INSTITUTO..., 2006b), o incremento das exportações, em 2005, está

associado a setores que apresentaram declínio no comércio mundial, ou seja, setores que diminuíram o seu *market-share* no período correspondente a 1996-2001 e, dentre estes, aqueles que tiveram crescimento negativo. Vale salientar, no entanto, que houve melhora substantiva desses indicadores com relação a 2004. Registrou-se, ainda, desempenho importante das vendas externas em setores considerados dinâmicos no comércio mundial (crescimento superior a 5% ao ano entre 1996 e 2001). Esse subconjunto contribuiu com 22,3% para o aumento das exportações em 2005, contra 9,4% em 2004.

A indústria intensiva em P&D contribuiu com cerca de 10% para o aumento das exportações brasileiras em 2005 e os setores classificados como de baixa e média-baixa intensidade tecnológica foram responsáveis por 70% do aumento das vendas. No segmento intensivo

Tabela 4 – Brasil: Principais Setores Exportadores de 2005 (2002-2005) (Participação)

NCM	Setores	2005	2004	2003	2002
87	Veículos automóveis, tratores etc., suas partes/acessórios	0,0975	0,0868	0,0827	0,0741
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc., mecânicos	0,0822	0,0805	0,0770	0,0700
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,0723	0,0695	0,0643	0,0573
26	Minérios, escórias e cinzas	0,0678	0,0543	0,0499	0,0529
02	Carnes e miudezas, comestíveis	0,0607	0,0575	0,0498	0,0456
27	Combustíveis minerais, óleos minerais etc., ceras minerais	0,0600	0,0458	0,0519	0,0489
85	Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes etc.	0,0459	0,0344	0,0432	0,0513
12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes etc.	0,0459	0,0567	0,0594	0,0509
17	Açúcares e produtos de confeitaria	0,0347	0,0292	0,0314	0,0366
88	Aeronaves e outros aparelhos aéreos etc. e suas partes	0,0279	0,0349	0,0280	0,0464
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	0,0256	0,0316	0,0285	0,0292
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares etc.	0,0253	0,0353	0,0371	0,0381
09	Café, chá, mate e especiarias	0,0226	0,0196	0,0195	0,0221
99	Transações especiais	0,0184	0,0152	0,0168	0,0173
39	Plásticos e suas obras	0,0172	0,0157	0,0160	0,0138
47	Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas etc.	0,0172	0,0179	0,0239	0,0192
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	0,0167	0,0197	0,0222	0,0251
76	Alumínio e suas obras	0,0164	0,0194	0,0206	0,0209
29	Produtos químicos orgânicos	0,0162	0,0160	0,0179	0,0183
24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	0,0144	0,0148	0,0149	0,0167
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais etc.	0,0126	0,0162	0,0183	0,0146
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros	0,0118	0,0134	0,0145	0,0160
40	Borracha e suas obras	0,0117	0,0112	0,0131	0,0125
48	Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel etc.	0,0116	0,0123	0,0149	0,0148
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas etc.	0,0105	0,0124	0,0177	0,0188
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0,0105	0,0106	0,0097	0,0123
28	Produtos químicos inorgânicos etc.	0,0097	0,0096	0,0098	0,0083
94	Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões etc.	0,0091	0,0104	0,0096	0,0093

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex / MDIC, 2005.

em capital, o destaque, nesse ano, ficou por conta do setor Ferro e aço (INSTITUTO..., 2006a).

4 – DESEMPENHO DA BALANÇA COMERCIAL E CARACTERIZAÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA REGIONAL NOS ÚLTIMOS ANOS

Sem dúvida, o comércio exterior da região Nordeste, a partir de 2003, apresentou dinâmica muito mais forte em relação aos anos precedentes, sobretudo no que se refere às exportações. Nos três últimos anos, as vendas regionais ao exterior incrementaram cerca de 30% ao ano, percentual muito acima do que vinha sendo registrado. As importações tomaram maior impulso a partir de 2004, quando cresceram 27% ao ano. Tendo em vista as vendas terem registrado aumento mais que proporcional às compras, o saldo da balança comercial negativo, desde 1996, torna-se positivo com trajetória ascendente a partir de 2003 (Tabela 5 e Gráfico 1).

A qualificação da balança comercial regional pode ser expressa através das transações de compra tanto pela

ótica do fator agregado como de setores de contas nacionais. A partir de 2003, a participação das exportações de produtos básicos cresceu em detrimento dos produtos industrializados, os quais, por sua vez, registraram maior peso, ainda que não de forma significativa, para os produtos manufaturados. As importações de básicos, que evidenciaram ganho de até 10 pontos percentuais em 2004 em relação a 2002, em 2005 voltaram a patamares anteriores. Para os produtos industrializados, a parcela maior continua sendo de manufaturados. Os produtos manufaturados são fundamentalmente os responsáveis pelos movimentos ocorridos nas parcelas dos industrializados tanto na pauta exportadora quanto importadora; nesta última, o peso é significativamente mais expressivo (Tabela 6).

Quanto aos setores de contas nacionais, como desdobramento da pauta regional, constata-se forte concentração nas exportações dos bens intermediários, seguidos dos bens de consumo, sendo, nestes, os bens de consumo não-duráveis os mais representativos. Esta configuração já estava evidenciada ao longo da década

Tabela 5 – Nordeste: Evolução do Saldo da Balança Comercial (2000-2005)

Em US\$ 1000

ANO	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO (A) – (B)
	VALOR (A)	VAR%	VALOR (B)	VAR%	
2000	4.024.694	19,95	4.776.651	35,41	-751.957
2001	4.184.171	3,96	5.116.531	7,12	-932.360
2002	4.651.697	11,17	4.657.442	-8,97	-5.745
2003	6.107.494	31,3	4.308.221	-7,5	1.799.273
2004	8.036.413	31,58	5.503.692	27,15	2.532.720
2005	10.554.317	31,33	6.267.604	13,71	4.286.713

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex / MDIC, 2006.

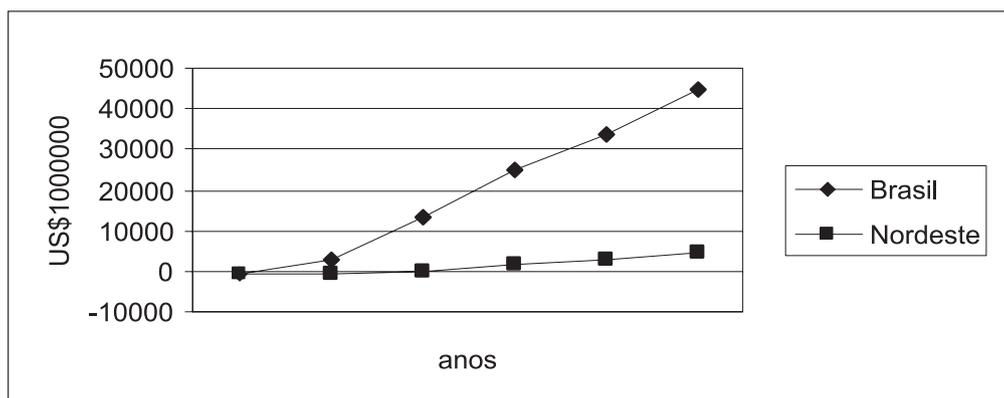


Gráfico 1 – Brasil e Nordeste – Evolução do Saldo da Balança Comercial (2000-2005)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

Tabela 6 – Nordeste: Exportação e Importação Segundo Fator Agregado (2000 -2005) (Participação)

ANO	Exportações				Importações			
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)
2000	0,1866	0,8134	0,3698	0,4436	0,2278	0,7722	0,0277	0,7446
2001	0,1951	0,8049	0,3298	0,4751	0,1445	0,8555	0,0249	0,8305
2002	0,2059	0,7941	0,3037	0,4904	0,1598	0,8402	0,0287	0,8115
2003	0,2371	0,7629	0,2584	0,5045	0,2035	0,7965	0,0395	0,7655
2004	0,2558	0,7442	0,2463	0,4979	0,2576	0,7424	0,0294	0,7129
2005	0,2453	0,7547	0,2463	0,5166	0,1673	0,8327	0,0227	0,8100

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX / MDIC, 2005.

anterior. No entanto, a partir de 2003, ocorre forte mudança nessa pauta: há queda relativa das exportações de bens de capital, dos bens intermediários e aumento das vendas dos bens de consumo e lubrificantes. Essa mudança relativa reflete o crescimento da participação dos combustíveis e lubrificantes que aumentaram nove pontos percentuais entre 1999 e 2003 e a expansão das exportações dos bens de consumo duráveis. Esta última tendência é revertida nos anos seguintes.

Em 2003, a parcela de bens de capital importada foi reduzida em seis pontos percentuais com relação ao ano anterior e a de bens intermediários (compostos essencialmente de insumos industriais) acrescida em oito. Constata-se redução, em 2005, da participação das importações de bens intermediários em quase dez pontos percentuais em relação a 2004 e crescimento em sete pontos da parcela de combustíveis e lubrificantes,

que chegam, em 2005, a rivalizar em importância aos últimos setores anteriores citados (Tabela 7).

O crescimento das exportações nordestinas, nos últimos anos, foi registrado na maioria dos setores. Esses setores estão entre os mais representativos na pauta regional. Ressaltam-se quatro que tiveram incrementos significativos de suas participações nos últimos três anos: Combustíveis minerais, óleos minerais etc. e ceras minerais (cresceu 80% das suas vendas ao exterior entre 2004 e 2005); Veículos, automóveis, tratores etc., suas partes/acessórios (37%); Ferro fundido, ferro e aço (34%) e Minérios escórias e cinzas (49%).

Do conjunto dos setores que compõem 90% do valor total da pauta exportadora regional, dois dos que registraram redução nas vendas no último ano podem ser destacados tendo em conta que são setores tradicionais

Tabela 7 – Nordeste: Exportação e Importação Segundo Setores das Contas Nacionais (em %)

SETORES DE CONTAS NACIONAIS	Exportação			Importação		
	2005	2004	2003	2005	2004	2003
Total do Período	100	100	100	100	100	100
Bens de Capital	0,68	0,73	0,89	18,30	17,02	19,65
Bens de Capital (Exceto Equip. de Transporte Uso Industrial)	0,68	0,73	0,89	15,99	14,82	17,64
Equipamentos de Transporte de Uso Industrial	---	---	---	2,31	2,20	2,02
Bens Intermediários	60,2	62,15	59,35	39,37	46,13	45,71
Alimentos e Bebidas Destinados à Indústria	11,25	11,83	11,89	5,65	7,78	10,83
Insumos Industriais	47,83	49,46	47,01	32,19	36,68	32,86
Peças e Acessórios de Equipamentos de Transporte	1,12	0,86	0,45	1,53	1,66	2,01
Bens Diversos	---	---	---	0,01	---	0,01
Bens de Consumo	23,6	25,63	27,28	6,18	7,13	7,08
Bens de Consumo Duráveis	8,83	8,42	7,19	3,57	4,69	4,74
Bens de Consumo Não-duráveis	14,73	17,21	20,09	2,61	2,45	2,35
Combustíveis e Lubrificantes	14,3	10,50	11,53	36,15	29,72	27,55
Demais Operações	1,22	0,99	0,94	36,15	---	---
Não Declarada	---	---	---	---	---	---

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex / MDIC, 2005.

Tabela 8 – Nordeste: Principais Setores Exportadores de 2005 (2002-2005) (Participação)

NCM	Setores	2005	2004	2003	2002
27	Combustíveis minerais, óleos minerais etc. ceras minerais	0,1437	0,1053	0,1165	0,0965
87	Veículos, automóveis, tratores etc., suas partes/acessórios	0,0844	0,0809	0,0667	0,0265
29	Produtos químicos orgânicos	0,0788	0,0903	0,1023	0,1115
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,0657	0,0642	0,0446	0,0484
17	Açúcares e produtos de confeitaria	0,0600	0,0606	0,0663	0,0782
08	Frutas, cascas de cítricos e de melões	0,0479	0,0499	0,0608	0,0539
12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes etc.	0,0373	0,0395	0,0250	0,0221
76	Alumínio e suas obras	0,0350	0,0480	0,0558	0,0768
74	Cobre e suas obras	0,0349	0,0280	0,0199	0,0321
47	Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas etc.	0,0345	0,0266	0,0324	0,0370
26	Minérios, escórias e cinzas	0,0334	0,0293	0,0113	0,0004
39	Plásticos e suas obras	0,0324	0,0285	0,0273	0,0251
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	0,0289	0,0353	0,0381	0,0330
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros inverteb. aquáticos	0,0250	0,0370	0,0502	0,0533
52	Algodão	0,0240	0,0272	0,0284	0,0235
18	Cacau e suas preparações	0,0214	0,0243	0,0350	0,0291
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares etc.	0,0194	0,0275	0,0215	0,0215
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros	0,0192	0,0247	0,0257	0,0274
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	0,0164	0,0161	0,0112	0,0105
28	Produtos químicos inorgânicos etc.	0,0160	0,0160	0,0146	0,0173
99	Transações especiais	0,0122	0,0099	0,0094	0,0126
63	Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos etc.	0,0100	0,0105	0,0109	0,0103
71	Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas etc.	0,0094	0,0083	0,0102	0,0160
40	Borracha e suas obras	0,0093	0,0038	0,0031	0,0014
09	Café, chá, mate e especiarias	0,0085	0,0086	0,0066	0,0112

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/ MDIC, 2006.

Nota: Setores sombreados são importantes importadores; esse subconjunto corresponde a 62% do valor total das importações regionais em 2005.

na pauta das vendas regionais: Alumínio e suas obras (5%) e Peixes (12%) (Tabela 8).

A pauta regional, nos três anos analisados, no que se refere à distribuição setorial das exportações e importações, não sofreu mudanças significativas com relação aos anos imediatamente anteriores. A pauta exportadora continua com certo nível de concentração e reflete nível de concentração setorial menor que o das importações. À concentração setorial junta-se a concentração empresarial (vendedores e compradores) e a concentração de parceiros comerciais (países de destino/origem do fluxo comercial externo).

O índice de concentração setorial (ICX) das exportações regionais, em 2005, expressa um número próximo de 25 (vinte e cinco) e das importações (ICM), pouco mais de 40 (quarenta), o que equivale dizer que há menor concentração setorial nas vendas do que nas compras.

Geralmente, o índice de concentração das exportações tende a ser mais elevado que o das importações, à medida que o comércio internacional leva a uma especialização da produção e a uma diversificação do consumo. Tendo em vista o Nordeste ser uma região pouco dinâmica economicamente, a situação inverte-se e a importante concentração das importações revela o pouco dinamismo do consumo. Enquanto as vendas mantiveram-se em determinado patamar de concentração setorial nos anos recentes, as importações regionais ficaram setorialmente ainda mais concentradas, indicando a persistência da especialização regional já referida e do baixo dinamismo da economia regional.

De seu lado, o indicador de comércio intra-setorial (IS) sofreu alteração com a expansão do comércio regional nos últimos anos. Nos dias atuais, o indicador está situado em torno de 40, o que revelaria ainda uma configuração da corrente de comércio mais próxima à

exploração por parte da região das tradicionais vantagens comparativas, ou seja, à dotação de fatores, apesar de evidenciar redução do peso inter-setorial nas suas transações.

Nota-se, nas pautas de exportação e importação, que setores importantes exportadores são também importantes importadores. De fato, dos dezesseis principais

setores importadores oito (correspondem a 62% das compras regionais) são também principais exportadores (correspondem a 50% das vendas regionais), além do que as principais empresas vendedoras são, em grande medida, principais compradoras (Tabela 9).

Essa concentração pode ser corroborada pelo indicador que evidencia a participação dos setores no conjunto

Tabela 9 – Nordeste: Indicadores de Concentração do Comércio Externo (2002-2005)

Concentração das exportações (ICX)	2002	22,48
	2003	23,02
	2004	22,32
	2005	23,68
Concentração das importações (ICM)	2002	36,30
	2003	34,71
	2004	36,37
	2005	41,14
Comércio intra-setorial (IS)	2002	33,91
	2003	41,65
	2004	39,67
	2005	39,84
Setores que compõem 90% do valor das exportações (nº)	2002	25
	2003	25
	2004	25
	2005	23
Setores que compõem 90% do valor das importações (nº)	2002	17
	2003	16
	2004	16
	2005	16
Empresas exportadoras que totalizam 50% do valor das vendas (nº)	2002	nd
	2003	17
	2004	16
	2005	15
Empresas importadoras que totalizam 50% do valor das compras (nº)	2002	nd
	2003	6
	2004	5
	2005	5
Países de destino que totalizam 90% do valor das exportações (nº)	2002	30
	2003	30
	2004	30
	2005	30
Concentração dos países de destinos (ICD)	2002	36,66
	2003	35,00
	2004	31,00
	2005	28,00
Países de origem que totalizam 90% do valor das importações (nº)	2002	30
	2003	30
	2004	30
	2005	30

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.nd – não disponível

da pauta regional: 23 (vinte e três) setores correspondem a 90% do valor total da pauta exportadora nordestina, enquanto o mesmo percentual das importações totaliza 16 (dezesesseis) setores para o ano de 2005. Neste ano, apenas sete setores responderam por mais de 53% das vendas. São eles: Combustíveis minerais, óleos minerais etc., ceras minerais; Veículos, automóveis, tratores etc., suas partes/acessórios; Produtos químicos orgânicos; Ferro fundido, ferro e aço; Açúcares e produtos de confeitaria; Frutas, cascas de cítricos e de melões; e Sementes e Frutos oleaginosos, grãos, sementes etc. Os dois primeiros, em 2002, tinham participações nas vendas externas bem menores que em 2005. De fato, há várias mudanças de posições relativas dos setores entre 2002 e 2005.

Quanto às importações, apenas três setores respondem por 54% das compras no mesmo ano, a saber: Combustíveis minerais, óleos minerais etc., ceras minerais; Reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc., mecânicos; e Minérios, escórias e cinzas.

O movimento do comércio exterior observado pela ótica empresarial revela que há forte concentração em 2003, que não se dissimula nos anos mais recentes. Em 2005, quarenta empresas exportadoras responderam por 71% do valor total da pauta regional. A concentração

acentua-se à medida que se aproximam de percentuais mais estreitos, ou seja, quinze empresas exportadoras totalizam 50% do valor total vendido, número ainda menor que nos anos anteriores. As seis empresas exportadoras com maior transação com o exterior somaram cerca de 40% do valor da pauta regional. Em ordem de importância estão: PETRÓLEO BRASILEIRO S/A (Petrobras), FORD MOTOR COMPANY BRASIL LTDA, BRASKEM S/A, CARAÍBA METAIS S/A, BUNGE ALIMENTOS S/A e COMPANHIA VALE DO RIO DOCE (Tabela 10).

Do lado das importações, a concentração empresarial é ainda mais forte. Apesar de quarenta empresas representarem também 71% das compras, apenas cinco totalizam 50% do total do valor comprado pela Região em 2005. Somente as duas primeiras (PETRÓLEO BRASILEIRO S/A (Petrobras) e BRASKEM S/A) chegam a cerca de 40% do total adquirido do exterior. É importante ressaltar que, no conjunto formado pelas 40 principais empresas exportadoras e importadoras, há uma interseção nada desprezível: 14 delas estão nos dois grupos. As quatro primeiras empresas exportadoras são também as quatro mais importantes importadoras.

Quanto à distribuição do comércio por destino/origem, constata-se, para o conjunto dos principais

Tabela 10 – Nordeste: Empresas Exportadoras e Importadoras (Participação Percentual nas Pautas) (2004-2005)

Empresas	Exportadoras			Importadoras		
	2005	2004	Δ	2005	2004	Δ
TOTAL	100	100	31,33	100	100	13,71
Total das Principais Empresas Exportadoras (40)	71,2	66,61	40,38	70,98	66,82	20,8
Petróleo Brasileiro S/A (Petrobras)	14,85	10,73	81,84	26,46	18,80	60,08
Ford Motor Company Brasil Ltda.	8,20	7,92	35,86	5,93	6,82	-1,13
Braskem S/A	5,37	4,62	52,63	10,71	10,11	20,52
Caraíba Metais S/A	3,89	3,02	68,82	6,60	8,61	-12,92
Bunge Alimentos S/A	3,55	3,75	24,35	0,75	1,49	-42,88
Companhia Vale do Rio Doce	3,14	2,92	41,49	0,73	0,49	70,99
Cargill Agrícola S/A	2,53	3,17	4,59	0,59	0,52	28,92
Billiton Metais S/Aa	1,93	2,43	4,23	0,61	0,51	36,47
Alcoa Alumínio S/A	1,86	2,29	6,49	1,06	0,76	57,1
Companhia de Tecidos Norte de Minas (Coteminas)	1,16	1,28	18,49	0,38	0,86	-49,85
Vicunha Textil S/A.	1,04	1,3	5,50	0,75	1,42	-39,63
Oxitenor Nordeste S/A Indústria e Comércio	0,88	1,32	-12,49	0,42	0,49	-1,97
Monsanto Nordeste S/A	0,77	1,04	-2,52	0,96	1,08	1,65
Joanes Industrial S/A Prods. Químicos e Vegetais	0,64	0,78	7,44	0,48	0,47	17,29

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

parceiros, que o mesmo número de países que compra é o que vende (30). No entanto, verifica-se que cinco países detêm 55% do valor total do que foi vendido pela Região em 2005, quais sejam: Estados Unidos, Argentina, México, Holanda, Bahamas e China. A novidade aqui são as posições de importância que Bahamas e China assumiram no último ano: o primeiro passou de 0,82% em 2004 para 5,9% em 2005, assumindo a quarta posição, e o segundo, de 2,6% para 4,6%, ficando em quinto lugar. Sem dúvida, tem havido, nos últimos anos, certa desconcentração dos parceiros compradores da Região. Entre 2002 e 2005, o indicador ICD foi reduzido em 12 pontos, revelando não só a entrada de novos parceiros a cada ano como também perda relativa dos tradicionalmente mais representativos.

Para os países que vendem para o Estado, cinco são os mais importantes: Estados Unidos, Argentina, Índia, Argélia e Chile, que somam 50% do total comprado do exterior. Deve-se ressaltar a mudança mais significativa ocorrida de 2004 para 2005: a Índia participava, no primeiro ano, com 2,5% do valor total importado pela Região e passou, no ano seguinte, a 10%, ocupando a terceira colocação.

5 – A DINÂMICA DA DEMANDA MUNDIAL E A RESPOSTA DA REGIÃO NORDESTE

A pauta de exportação nordestina ainda tem forte peso de produtos que estão em regressão e em decadência na demanda mundial, apesar de, no último ano, ter ocorrido redução da incidência dos bens com esses perfis. Em 2003, esse conjunto totalizava 60% do valor total da pauta, passando, em 2005, a representar 56%. Isto se deve, particularmente, ao crescimento menos que proporcional do valor exportado dos bens em regressão no comércio mundial, ocorrido de 2004 para 2005 (Tabela 11, Gráfico 2).

De seu lado, o conjunto formado por setores com forte ou muito forte dinamismo da demanda mundial apresentou tendência de alta na participação da pauta regional em 2005; o peso, que era de 26% do valor da pauta em 2003, passa para 28% em 2004 e chega a 34% em 2005. O crescimento do valor dos bens exportados em 2005, com relação a 2004, foi mais significativo para o segmento dos muito dinâmicos.

Tabela 11 – Nordeste: Exportações Segundo Dinamismo da Demanda Mundial (Participação e Índice de Valor) (2003-2005)

DINAMISMO	2003	2004	2005	2004/2003	2005/2004
Muito Dinâmicos (MD)	0,1371	0,1231	0,1610	118,08	171,80
Dinâmicos (D)	0,1188	0,1440	0,1444	159,53	131,73
Intermediários (I)	0,0906	0,0817	0,0788	118,62	126,72
Em Regressão (R)	0,1871	0,1733	0,1490	121,89	112,91
Em Decadência (DE)	0,4146	0,4192	0,4141	133,04	129,74
Sem Definição (S/D)	0,0423	0,0488	0,0405	151,71	108,89

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

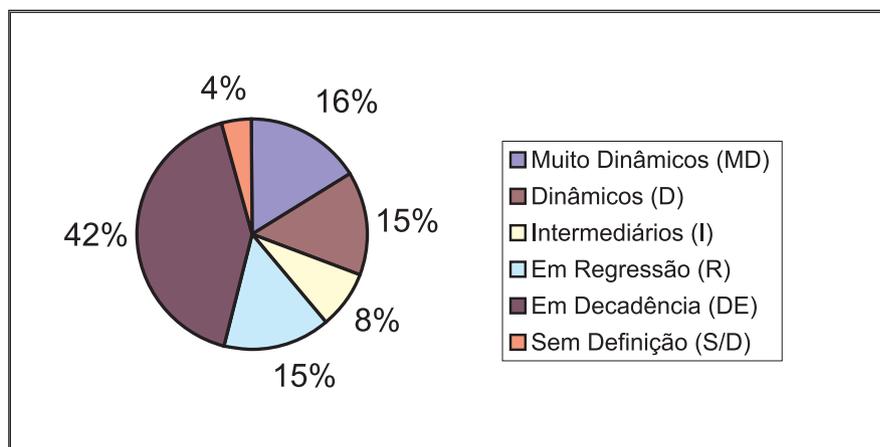


Gráfico 2 – Nordeste – Exportações Segundo o Dinamismo da Demanda Mundial (2005)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

A pauta exportadora em face da demanda mundial pode ser mais bem analisada através de suas características setoriais. Dentre os setores com demanda muito dinâmica, o destaque é Combustíveis minerais, óleos minerais etc., ceras minerais. Em 2005, este setor sozinho representou 14% do valor total das exportações. O principal Estado exportador da Região é a Bahia com os seguintes produtos: *Fuel-oil*, Óleos brutos de petróleo e Outras gasolinas. O Rio Grande do Norte tem-se mostrado importante exportador de óleos brutos de petróleo nos anos mais recentes. A Petrobras é a empresa responsável pela exportação desses produtos.

Dois setores classificados como dinâmicos devem ser destacados: Veículos, automóveis e tratores etc. e Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes etc. As vendas ao exterior do primeiro setor cresceram 59% de 2003 para 2004 e 37% no ano seguinte. Foram efetuadas exclusivamente pelo Estado da Bahia, através da Ford Motor Company Brasil Ltda., cuja participação na pauta regional, no último ano, foi de 9%. O principal produto exportado pelo setor foi Automóveis com motor a explosão, 1.500<CM3<= 30.000, AT, responsável por 95% do valor exportado.

O setor Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes etc. exportou 4% do valor total da pauta regional em 2005, cresceu de forma significativa em 2004 com relação ao ano anterior (108%) e desacelerou em 2005, quando aumentou em 23% o valor das suas exportações. O Maranhão é o mais importante Estado exportador nordestino, seguido pela Bahia. Estes vendem, sobretudo, o produto Outros grãos de soja, mesmo triturados. A empresa Cargil Agrícola S/A é responsável por grande parte das exportações do produto na Região.

Para aqueles que compõem o grupo de dinamismo intermediário da demanda mundial, podem-se ressaltar Borracha e suas obras e Plásticos e suas Obras. O primeiro participa com 1% do valor da pauta regional e teve crescimento bastante forte no período em questão: cerca de 60% de 2004/2003 e 223% no ano subsequente. Pernambuco é o Estado exportador mais importante, seguido pela Bahia. O primeiro Estado exporta fundamentalmente Borracha de butadieno (BR), em chapa, folhas através da Petroflex Indústria e Comércio S/A, e o segundo Estado vende Pneus novos para automóveis de passageiros. Quanto ao setor de Plásticos, este representa 4% da pauta, cresceu 37% de 2003 para 2004 e 50% em 2005, sendo a Bahia o principal exportador regional com o produto Polietileno linear, densidade <0,94, em forma primária. A

Braskem S/A é a principal empresa exportadora do produto no Estado.

Os produtos, acima mencionados, exportados pelo Nordeste, têm representatividade no valor da pauta regional e estão ganhando espaço no mercado mundial. Sendo assim, podem ser considerados como aqueles que acompanham a tendência da demanda mundial e estão em situação ótima para seu desenvolvimento futuro, pois a região acompanhou o aumento da procura em nível mundial.

No entanto, alguns setores estão situados na zona crítica de dinamismo da demanda mundial, ou seja, setores em regressão ou em decadência. Para os setores em regressão, algumas observações merecem ser feitas sobre Bebidas, Líquidos alcoólicos e vinagres e Alumínio e suas obras. O primeiro participa com cerca de 2% da pauta regional, cresceu 88% de 2004/2003 e 34% no ano seguinte; quanto ao segundo, tem peso de 4% no valor da pauta e cresceu 13% primeiramente e, em 2005, recuou 5%. Alagoas é o principal exportador nordestino do setor de Bebidas com o produto Álcool etílico não-desnaturado com volume e teor alcoólico, exportado com importância pela Copertrading, Comércio Exportação e Importação. O segundo é exportado pelo Maranhão através, fundamentalmente, dos produtos Alumínio não-ligado em forma bruta, Ligas de alumínio em forma bruta, e Alumina calcinada. A Alcoa Alumínio S/A é a empresa responsável pela exportação. Há ainda dois setores neste conjunto que continuam tendo participação relevante na pauta regional e crescimento anual acima de 10%. São eles: Produtos químicos orgânicos e produtos químicos inorgânicos.

Para os segmentos exportadores em decadência no comércio mundial, são relevantes os setores Ferro fundido, ferro e aço, Açúcares e produtos de confeitaria, Pasta de madeira ou matérias fibrosas celulósicas etc. e Cobre e suas obras. O Maranhão é o principal exportador de Ferro. Este setor responde por cerca de 7% do valor da pauta regional e cresceu suas exportações 89% de 2003 para 2004 e 35% no ano subsequente; o principal produto exportado é Ferro fundido bruto não-ligado com peso <= 0,5% de fósforo, comercializado pela Companhia Vale do Rio Doce. Açúcares (com 6% de parcela na pauta cresceu no último ano 30%) é exportado principalmente por Alagoas através da Copertrading, Comércio Exportação e Importação na forma de açúcar de cana em bruto. A Bahia foi o principal exportador regional nos dois últimos setores. Pasta de madeira participa com 3,5% do valor da pauta nordestina e cresceu 70% de 2004 para 2005.

O setor Cobre participa com 3%, mas vem crescendo de maneira significativa nos anos mais recentes: 85% em 2004/2003 e 63% em 2005/2004, respectivamente. Os produtos mais significativos para a exportação nesses setores são: Pasta química de madeira de não-conífera e soda/sulfato e Fios de cobre refinado, maior dimensão da seção transversal superior a 6mm. As empresas exportadoras mais representativas são Bahia Celulose S/A e Veracel Celulose S/A, nas vendas de Pasta, e Caraibas Metais, nas de Fios de cobre.

Comparando as exportações com as importações regionais evidenciam-se, nos três anos analisados, saldos negativos crescentes para os setores classificados como muito dinâmicos e saldo negativo, que se transforma em positivo, para os dinâmicos. Para os setores em regressão, o saldo é positivo e com tendência mais forte ao crescimento para os setores em decadência (Tabela 12, Gráfico 3).

Nos dois últimos conjuntos, caracterizados pela demanda mundial em regressão e em decadência, observam-se setores exportadores que ainda estão em fase de expansão das exportações regionais, que, num futuro não muito longe, terão suas vendas comprometidas. Pode-se identificar, neste caso, uma situação de desperdício de esforço competitivo na região. O saldo é positivo para os setores em regressão e em decadência, com tendência mais forte ao crescimento para os últimos.

6 – INTENSIDADE TECNOLÓGICA E EXPORTAÇÃO REGIONAL

A pauta de exportação nordestina é composta predominantemente de bens produzidos sob condições de baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Essas duas categorias correspondem a cerca de 80% do total do valor exportado em 2005, com crescimento significativo

Tabela 12 – Nordeste: Saldo da Balança Comercial Segundo o Dinamismo da Demanda Mundial

(2003-2005) (US\$)

DINAMISMO	2003	2004	2005	2004/2003	2005/2004
Muito Dinâmicos (MD)	-850.150.790	-1.385.083.147	-1.436.513.868	1,63	1,04
Dinâmicos (D)	-35.609.611	432.062.124	727.057.071	13,36	1,68
Intermediários (I)	402.054.648	451.790.896	573.951.199	1,12	1,27
Em Regressão (R)	722.118.126	900.398.432	1.065.395.153	1,25	1,18
Em Decadência (DE)	1.304.951.113	1.721.710.701	2.877.741.229	1,32	1,67
Sem Definição (S/D)	198.405.960	331.429.725	350.736.912	1,67	1,06

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

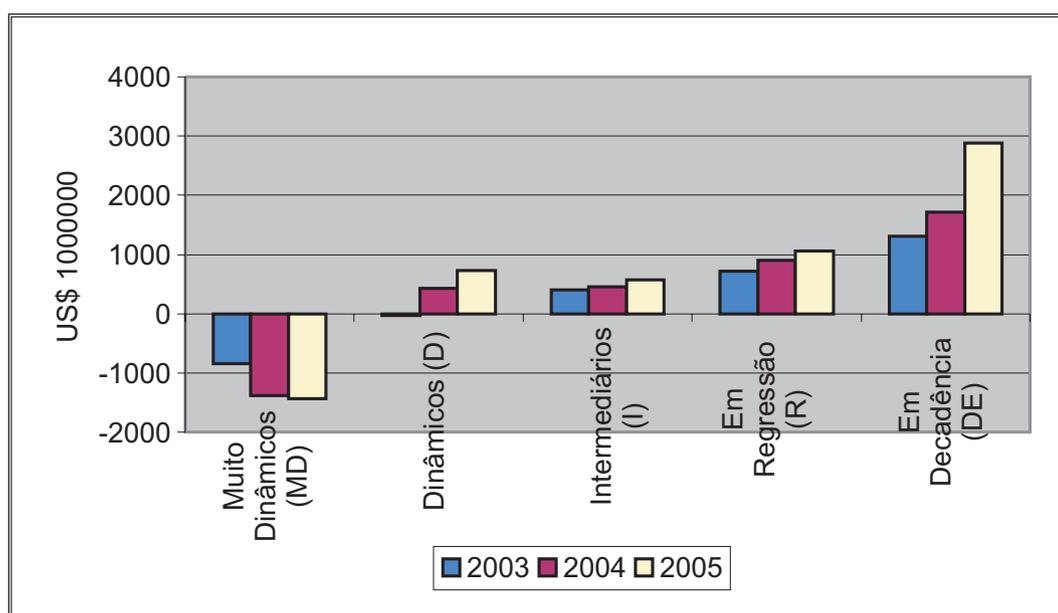


Gráfico 3 – Nordeste – Saldo da Balança Comercial segundo Dinamismo da Demanda Mundial

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

Tabela 13 – Nordeste: Intensidade Tecnológica das Exportações (2003-2005)

(US\$) (Participação)

INTENSIDADE TECNOLÓGICA	2003		2004		2005	
	VALOR	Part.	VALOR	Part.	VALOR	Part.
Alta (A)	55.704	0,0000	59.163	0,0000	146.037	0,0000
Média-Alta (MA)	1.241.469.330	0,2033	1.641.851.948	0,2043	2.061.738.823	0,1953
Média-Baixa (MB)	1.721.738.099	0,2819	2.371.354.632	0,2951	3.583.771.367	0,3396
Baixa (B)	3.086.710.081	0,5054	3.943.489.977	0,4907	4.780.315.237	0,4529

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

Nota: O resíduo que perfaz o total da participação refere-se a transações especiais.

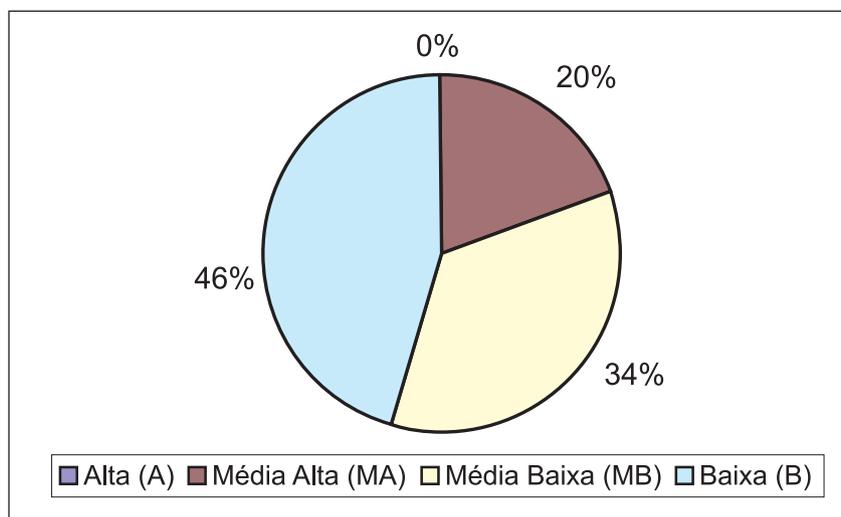


Gráfico 4 – Nordeste – Intensidade Tecnológica das Exportações (2005)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

da participação do segmento de média-baixa intensidade entre 2003 e 2005 (Tabela 13, Gráfico 4).

Nos segmentos de alta e média-alta intensidade, a situação é inversa. A participação do primeiro é irrisória, representada apenas pelo setor de Produtos farmacêuticos² constituído de Produtos cirúrgicos, gases e alguns medicamentos exportados pelos Estados da Bahia, Maranhão e Ceará. No segmento de média-alta intensidade, os setores representativos são os Veículos automóveis, tratores etc., suas partes/acessórios, que vende essencialmente Automóveis com motor a explosão, $155 < CM3 <= 3.000$, AT, e Produtos químicos orgânicos, que transaciona Benzeno, ambos produzidos na Bahia.

Destacam-se alguns setores representativos na pauta e que estão classificados como de média-baixa

intensidade tecnológica. Estão incluídos nesse conjunto os grupos de produtos formados por: a) Combustíveis minerais, óleos minerais etc., ceras minerais, cujos produtos mais importantes foram *Fuel-oil* e Óleos brutos de petróleo; b) Cobre e suas obras, com o produto mais representativo sendo Fios de cobre refinado, maior dimensão da seção transversal superior a 6mm; c) Plásticos e suas obras, com participação mais expressiva do produto Polietileno linear, densidade $< 0,94$, em forma primária. Os três setores têm suas bases de produção e exportação localizadas na Bahia.

Ainda no conjunto formado pelo setores de média-baixa intensidade tecnológica, pelo Maranhão são exportados, com relevância para a pauta regional, produtos pertencentes aos setores Alumínio e suas obras e Ferro fundido, ferro e aço com os produtos Alumínio não-ligado em forma bruta, Ligas de alumínio em forma bruta, e Alumina calcinada, para o primeiro, e Ferro fundido bruto não-ligado, com peso $\leq 0,5\%$ de fósforo, para o segundo.

² É importante ressaltar que a classificação da OCDE estabelece um conjunto setorial, no qual podem estar incluídos produtos que não se apresentam como de alta intensidade tecnológica.

Para o segmento de baixa intensidade, ressalta-se, pela importância nas vendas externas da região, o grupo de produtos Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas etc. O setor baiano vende fundamentalmente o produto Pasta química de madeira de não-conífera a soda/sulfato. Alguns produtos da indústria alimentícia e de calçados, produzidos e exportados por diversos Estados da região estão enquadrados neste conjunto.

A balança comercial regional pode também ser analisada sob o ponto de vista da intensidade tecnológica pelo saldo dos produtos transacionados em cada categoria. Constatou-se, dessa forma, que o saldo cresceu negativamente para os setores de alta intensidade, quando comparados os anos em questão. Para os de média, o saldo continua negativo; apesar de menor grandeza, reduziu-se pela metade no último ano.

De outro lado, o saldo cresceu positivamente para os setores compostos de produtos de média-baixa e baixa intensidade tecnológica. Neste caso, as exportações aumentaram muito mais proporcionalmente que as importações (Tabela 14, Gráfico 5).

7 – NOTAS CONCLUSIVAS

As exportações brasileiras cresceram a taxas significativas no último triênio, acima mesmo da média de incremento das vendas mundiais. Desde a década de 1970, não se assistia a tal desempenho. Apesar do ganho de *market-share* ocorrido no período 2003-2005, a inserção do país no comércio mundial ainda é considerada marginal, tendo em vista que a participação brasileira passou de 0,9% para apenas 1,1% no período. Ainda é precipitado tratar esse *boom* exportador do país como uma inserção no comércio mundial sustentável e estru-

Tabela 14 – Nordeste: Saldo da Balança Comercial Segundo a Intensidade Tecnológica (2003-2005) (US\$)

INTENSIDADE TECNOLÓGICA	2003	2004	2005	2004/2003	2005/2004
Alta (A)	-6.642.879	-9.498.991	-14.329.738	1,43	1,50
Média-Alta (MA)	-498.237.045	-465.396.844	-211.783.793	0,93	0,46
Média-Baixa (MB)	152.484.965	308.334.977	761.229.411	2,02	2,47
Baixa (B)	2.094.726.221	2.618.807.925	3.628.143.871	1,25	1,39

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

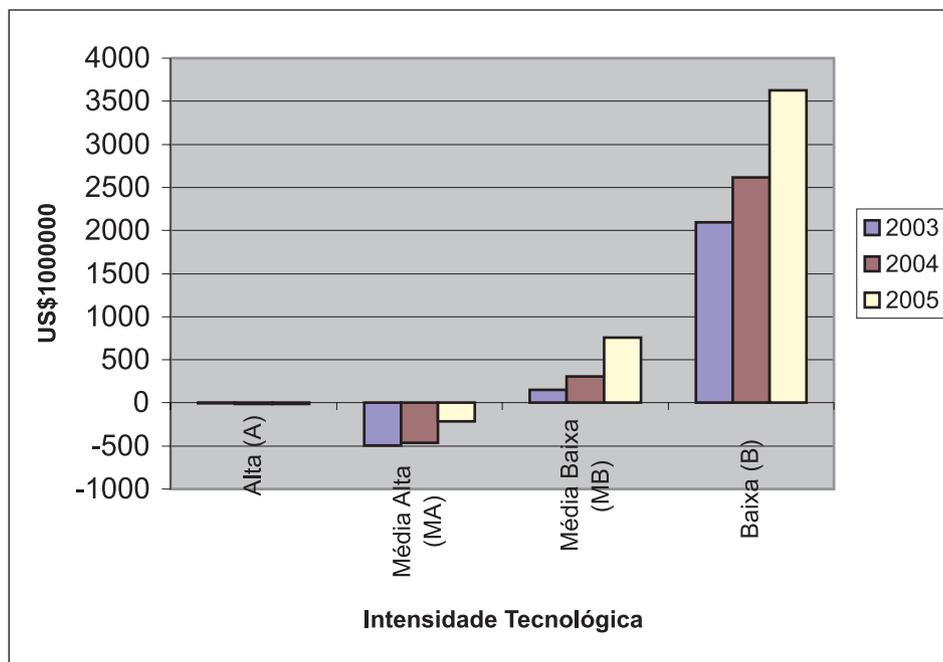


Gráfico 5 – Nordeste – Saldo da Balança Comercial segundo Intensidade Tecnológica

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC, 2006.

tural. Inserção efetivamente exportadora seria revelada no longo prazo com taxa de crescimento contínua acima da taxa mundial.

Para o Brasil, houve mudanças relevantes na pauta exportadora não só quantitativas como qualitativas. De fato, o perfil da pauta modifica-se e há certa recomposição dos setores exportadores responsáveis pela geração do saldo em direção de maior diversificação. Nesse contexto, ocorre redução da dependência de setores exportadores com menor intensidade tecnológica e menor dinamismo no comércio mundial.

As exportações da região Nordeste do Brasil vêm apresentando crescimento anual em torno de 30% a partir de 2003. O saldo da balança comercial, negativo desde 1996, torna-se positivo a partir desse ano e registra incremento de 41% e 70% nos anos subseqüentes. Esses resultados quantitativos revelam, em uma primeira aproximação, que essa região participou de maneira decisiva para a dinâmica recente das vendas nacionais, que, em 2005, registrou resultado jamais alcançado. A região participou com 10% para o aumento das exportações brasileiras ocorrido entre 2002 e 2005.

As vendas de produtos básicos, a partir de 2003, cresceram mais proporcionalmente que a de produtos manufaturados para a região Nordeste. Para o país, a composição da pauta, no que se refere ao fator agregado, conserva a mesma proporcionalidade expressada nos anos imediatamente anteriores. Pela perspectiva das contas nacionais, a configuração das vendas ao exterior do país também conserva nos anos recentes a trajetória já desenhada; no entanto, a região analisada apresenta redução significativa das vendas de bens de capital entre 2003 e 2005 e aumento da participação dos combustíveis e lubrificantes.

A pauta regional, no que se refere à distribuição setorial das exportações e importações, não sofreu mudanças significativas com relação aos anos imediatamente anteriores. A pauta reflete concentração em nível setorial e empresarial tanto para as vendas como para as compras. Para o Brasil, a concentração tanto setorial quanto empresarial é mais fraca: são 33 setores que perfazem 90% da pauta exportadora nacional contra 23 para a Região; de seu lado, 40 empresas exportadoras, no Brasil, totalizam 43% das vendas ao exterior e, no Nordeste, 15 correspondem a 50% das vendas externas regionais. Não há dúvida de que uma forte concentração da pauta exportadora reduz as potencialidades de expansão do comércio e compromete o setor externo,

à medida que o desempenho fica associado a poucos setores, poucos produtos e poucos destinos, o que fragiliza a pauta exportadora e, portanto, compromete o setor externo, uma vez que o desempenho internacional fica dependendo da eficiência desses poucos setores e sujeita às ações dos poucos parceiros.

O aumento das exportações nordestinas, nos últimos anos, foi registrado na maioria dos setores; portanto, os setores exportadores tradicionalmente mais importantes incrementaram suas vendas ao exterior. Os setores Combustíveis minerais, óleos minerais, etc. e ceras minerais (as vendas do setor ao exterior cresceram 80% de 2004 para 2005); Veículos, automóveis, tratores etc., suas partes/acessórios (37%) e Ferro fundido, ferro e aço (35%) acompanharam a trajetória nacional com contribuições significativas para o incremento da vendas ao exterior nos anos recentes. O primeiro contribuiu com 25% para o aumento das vendas nacionais do setor em 2005; o segundo, com 10% do crescimento e o terceiro, com 8%.

As exportações regionais ainda continuam tendo forte presença de produtos com características de regressão e de decadência na demanda mundial, ainda que tenham apresentado redução neste perfil. Os produtos com muito dinamismo da demanda cresceram com mais intensidade, ainda que tenham mantido menor expressão no conjunto das vendas ao exterior. Para o país, os setores com alto dinamismo da demanda mundial contribuíram com muito mais força para o aumento das exportações do que vinha acontecendo em anos anteriores. Regionalmente, o destaque é o setor Veículos, automóveis, tratores etc., suas partes/acessórios e Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes etc. Este último setor, apesar de ter decrescido em nível nacional para a região, aumentou em 24% o total exportado em 2005. De fato, se for aceito que a configuração da demanda mundial constitui-se em um dos fatores que limitam ou estimulam as vendas para o exterior, a expansão das exportações regionais, mesmo que estimuladas internamente, podem ser restringidas pelos comportamentos específicos de seus principais parceiros, sobretudo, quando está presente a forte concentração aqui constatada.

A pauta das exportações regionais é fundamentalmente constituída de bens produzidos sob condições de baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Em 2005, esses dois subconjuntos exportaram cerca de 80% do valor total das vendas reforçadas pelo incremento do comércio de bens de média-baixa intensidade. Essa tendência, de modo geral, é a mesma registrada para o Brasil. Para o país, pode-se

afirmar que houve certa melhoria na composição da pauta no que se refere à contribuição dos produtos com maior intensidade tecnológica, sobretudo, nos dois últimos anos, com destaque para a indústria de telecomunicações (especialmente celulares). Para o Nordeste, essa referência está associada ao incremento das exportações dos produtos da indústria automobilística baiana. O padrão de resposta das empresas locais, em termos de inovação e estratégias de competição, reflete, em maior ou menor grau, a interação do setor produtivo com as instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I).

Abstract

This work analyzes the performance of the exterior commerce of the Northeast Region as for the characteristics and the recent trends of the transactions (2002-2005), it identifies and qualifies the changes in the regional guideline in order to establish a comparative picture with the recent dynamics of Brazilian exterior trade. It draws a picture of the Brazilian exterior commerce, remembering the demanding and the technological intensity. It does the same in relation to Northeast, however it also uses the pointers of concentration of exportations and importations, of intra sectorial commerce, of destiny countries, as well as the number of countries that concentrate 90% of the total sum up of sell and buy of region. The results show that the exportations in Northeast region have presented strong annual growth with reversion of the negative result of the trade balance. The sector distribution of the exportations and importation did not suffer significant changes in the last years. The foreign trade in such a way reflects concentration in sector and enterprise level for exportation as for the importation. The regional exportations still continue having strong presence of products with characteristics of regression and decay in the world-wide demand; despite they have presented reduction in this profile. The regional exportations basically is constituted of goods produced under conditions of low and average low technological intensity; although certain improvement in their composition towards technological intensity.

Key words:

Exterior trade-Northeast-Brazil; Exportation -Brazil; Exportation-Northeast.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Aliceweb, 2006**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 6 jul. 2006.

FONSECA, R. G.; MARCONINI, M. Desempenho e política comercial. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, Funcex, ano 20, n. 87, p. 4-9, abr.-jun. 2006.

FONTENELE, A. M.; MELO, M. C. P. **Desempenho externo recente da região Nordeste do Brasil: uma avaliação da competitividade e potencialidades de expansão dos setores exportadores estaduais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005.

FONTENELE, A. M.; MELO, M. C. P. Nordeste do Brasil: uma análise sob a ótica do dinamismo da demanda mundial e especificidades da pauta regional. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, Funcex, ano 17, v. 17, n. 1, p. 42-45, jan.-mar. 2003.

FONTENELE, A. M.; MELO, M. C. P.; DANTAS, A. L. A. Inserção internacional da Região Nordeste do Brasil: reações às políticas de incentivos e transformações recentes. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, v. 32, n. 3, p. 366-387, jul.-set. 2001.

IGLESIAS, R. Baixo dinamismo das exportações de produtos industrializados ou baixo crescimento da produção industrial? **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, Funcex, ano 13, n. 67, p. 32-38, abr.-jun. 2001.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. **O câmbio e o intercâmbio por intensidade tecnológica**. São Paulo, 2006a. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em: 13 jun. 2006.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. **O comércio exterior brasileiro em 2005**. São Paulo, 2006b. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em: 13 jun. 2006.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O
DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. **Radiografia
das exportações brasileiras**. São Paulo, 2003.
Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso
em: 13 jun. 2006.

MOREIRA, C. A. L., MELO, M. C. P. Comércio
bilateral Brasil Estados Unidos: uma qualificação
das pautas de exportação e importação.
Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, FEE, v.
31, n. 3, p. 71-95, nov. 2003.

OECD. **Science, technology and industry
scoreboard 2001**: towards a knowledge – based
economy. 2004. Disponível em: <<http://www.oecd.org>>. Acesso em: 25 maio 2006.

RIBEIRO, J. F. Desempenho recente do comércio
exterior brasileiro. **Revista Brasileira de Comércio
Exterior**, Rio de Janeiro, Funcex, ano 20, n. 87, p.
10-15, abr.-jun. 2006.

Recebido para publicação em 09.08.2006.